



Daniel Sampaio Augusto¹

Para Olgária, que me ensina o que é a amizade

“Ninguém deseja viver sem amigos”, diz Aristóteles². Para o filósofo, a amizade é “extremamente necessária”³ para viver: amigos ajudam na riqueza, no poder, na pobreza, no infortúnio, na juventude, na velhice, sempre. No entanto, nem toda amizade é igual.

Podemos ter amigos, por exemplo, em função do interesse ou da utilidade. Nesse caso, os amigos não têm afeição recíproca pelo que cada um deles é, mas por algum proveito que possam obter. Tome-se o caso de algumas amizades estabelecidas a partir da necessidade de realizar um trabalho em conjunto: uma vez que este termina, cessa também o interesse que, ao menos inicialmente, ligou aquelas pessoas. Tal amizade nasceu como um meio para se chegar a um fim: portanto, como algo condicionado, transitório. É um caso de amizade imperfeita, que – para se manter – terá de buscar outros caminhos.

Uma amizade também pode ser estabelecida por prazer: por exemplo, na juventude, entre pessoas que são companheiras para sair à noite e se divertir. Os jovens, nas palavras de Aristóteles, “vivem sob a influência das emoções e perseguem acima de tudo o que lhes é agradável e o que está presente”⁴: tão logo a idade aumenta ou o objeto agradável muda, o laço entre tais amigos por prazer tende a se

¹ Diretor de cinema, Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) (com orientação de José Miguel Wisnik) e doutorando em Filosofia na mesma instituição (com orientação de Olgária Matos). E-mail: daniaugusto@hotmail.com.

² Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992, p. 153.

³ Idem, ibidem.

⁴ Idem, ibidem, p. 156.

desfazer. Mais uma vez, temos um caso de uma amizade accidental, imperfeita, posto que não há permanência.

Existe, porém, um tipo de amizade que Aristóteles considera perfeita:

a existente entre as pessoas boas e semelhantes em termos de excelência moral; neste caso, cada uma das pessoas quer bem à outra de maneira idêntica, porque a outra pessoa é boa, e elas são boas em si mesmas. Então as pessoas que querem bem aos seus amigos por causa deles são amigas no sentido mais amplo, pois querem bem por causa da própria natureza dos amigos, e não por acidente; logo, sua amizade durará enquanto estas pessoas forem boas, e ser bom é uma coisa duradoura⁵.

A amizade perfeita, portanto, é relacionada com a excelência moral: ela se dá entre gente virtuosa. A própria definição aristotélica da natureza da amizade relaciona-a com a virtude: nas suas palavras, a amizade é “uma forma de excelência moral ou é concomitante com a excelência moral”⁶. Assim, ela é uma virtude ou, ao menos, harmônica com a virtude, e é por este motivo que mesmo as amizades por utilidade ou prazer, ainda que não sejam perfeitas, podem ter relação com o bem, uma vez que estejam fundamentadas numa boa vontade recíproca, concomitante à excelência moral. A amizade perfeita é um horizonte para o qual outros modos de amizade podem servir de impulso: uma perspectiva, um lugar virtuoso, um ponto onde queremos chegar.

O alcance de tal descrição da amizade perfeita pode ser melhor compreendida quando inscrita no horizonte da sua correspondente palavra grega, a *φιλία*. Em linhas gerais, podemos dizer que *φιλία* é amizade, afeição, uma espécie de amor sem sensualidade, um sentimento de reciprocidade entre iguais⁷. Na pólis grega clássica, como esclarece Olgária Matos, a *φιλία* pode se referir “às condutas individuais e coletivas, no entrelaçamento dos homens, do cosmos e da cidade”⁸. Nesse sentido, existe uma convergência entre a amizade (*φιλία*) e a natureza (*Φύσις*)⁹, segundo a qual é possível caracterizar o homem grego como parte de um universo orgânico no qual “todos os seres do universo se reúnem pelo laço da amizade”¹⁰.

⁵ Idem, *ibidem*.

⁶ Idem, *ibidem*, p. 153.

⁷ CHAUI, Marilena. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles, volume 1*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 509.

⁸ MATOS, Olgária. *Discretas esperanças*. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2006, p. 149.

⁹ Mais precisamente do que a habitual tradução por *natureza*, *Φύσις* é “a disposição espontânea da constituição de um ser, responsável pelo surgimento, transformação e perecimento, fundo inesgotável de onde vem o *kosmos*; sendo aquilo que tem em si e por si mesmo sua própria razão de ser e de existir, é fonte perene para onde regressam todas as coisas, realidade primeira e última de tudo que existe para a realização da excelência que lhe é própria” (idem, *ibidem*).

¹⁰ Idem, *ibidem*.

Nessa perspectiva, no mundo grego, a ordem do mundo e a visão moral são coincidentes: “é a natureza que fixa a finalidade do homem e assim dá direção à ética”¹¹. Para ser virtuoso, alcançar a excelência (ἀρετή), é preciso realizar aquilo que constitui nossa natureza. O que não quer dizer que seja um caminho sem dificuldades: pelo contrário, existem muitos bloqueios, e é por isso que a filosofia é necessária. É preciso de costume, hábito, aprendizado filosófico, para ultrapassar as aflições impingidas por dogmas e outros modos de esconder a verdade.

Se, por um lado, fomos desabrigados dessa totalidade fechada do universo grego, por outro, este permanece fundamental para pensar a sociedade em que vivemos. Como lembra Olgária, a pólis grega clássica – inventora da democracia, da filosofia e da tragédia – é um “campo exemplar”¹² do conhecimento de si e do outro. Assim, no mundo contemporâneo, onde a palavra *amigo* muitas vezes designa somente uma efêmera conexão por meio das redes sociais digitais, com um inegável potencial de semear preconceito e intolerância, revisitar a conceituação aristotélica da amizade, por exemplo, é um modo de se deslocar criticamente em relação ao presente e pensar maneiras de se viver melhor e ser feliz. Não só pela busca da perfectibilidade na amizade, com seu horizonte de excelência moral, mas também porque – como lembra Aubenque na sua leitura de Aristóteles – a condição humana é tal que “o conhecimento de si é ilusório, e se torna auto-complacência, se não passar pela mediação do outro”¹³.

Se lembro aqui, em linhas muito gerais, o “filósofo da amizade”¹⁴, é porque – entre os inúmeros ensinamentos que a convivência com a professora me trouxe – o valor da amizade é um dos mais marcantes. Não é sem motivo que, na arguição do concurso para Professora Titular na USP, Renato Janine Ribeiro sublinhou a “disposição favorável à amizade”¹⁵ de Olgária, inscrevendo tal característica em amplo contexto:

num país em que se demoniza facilmente o adversário, em que três legados terríveis, o autoritário, o escravagista e o castrense, fazem que se odeie ainda mais o pecador do que o pecado, sua destreza [a destreza de Olgária] em preservar as boas relações humanas com aqueles que discordam de você constitui um exemplo notável de espírito democrático¹⁶.

¹¹ FERRY, Luc. *Homo aestheticus: a invenção do gosto na era democrática*. Tradução de Eliana Maria de Melo Souza. São Paulo: Ensaio, 1994, p. 348.

¹² MATOS, Olgária. *Discretas esperanças*. Op. cit., p. 151.

¹³ AUBENQUE, Pierre. *A prudência em Aristóteles*. Tradução de Marisa Lopes. São Paulo: Discurso Editorial, 2003, p. 290.

¹⁴ Idem, *ibidem*, p. 286.

¹⁵ RIBEIRO, Renato Janine. “Prefácio”. In: O. Matos. *História viajante: notações filosóficas*. São Paulo: Studio Nobel, 1997, p. 12.

¹⁶ Idem, *ibidem*.

Olgária Matos mais de uma vez mostrou – nos ensaios, nas ações, nas conversas dentro e fora de aula – a importância da relação bem tecida entre o diálogo, a amizade e a virtude. Trata-se, para mim, de um ensinamento crucial, pelo qual serei por toda vida grato, por mostrar que a sabedoria não está somente na solidão, por mais doloroso, triste e hostil que possa ser um momento histórico. A amizade é sempre um lugar para morar, um modo de organizar o caos, uma forma de imitar o divino, mesmo perdido. Nas palavras da professora, é “um valor de puro afeto, possibilidade do amor social e político, lei essencial e elementar da sociabilidade, do respeito recíproco em um mundo compartilhado”¹⁷. Nossos tempos exigem a pedagogia desses sentidos da amizade: talvez seja um dos últimos horizontes que nos restam para buscar viver melhor e, quem sabe, ser feliz.

Recebido em 30.10.2018.

Aceito para publicação em 05.11.2018.

© 2018 Daniel Sampaio Augusto. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR).

¹⁷ MATOS, Olgária. *Discretas esperanças*. Op. cit., p. 149.